

AUDIONOVELAS ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: NARRATIVAS EM PODCAST NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

Raphael de França e Silva¹

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

raphasilva07@gmail.com

Thelma Panerai Alves²

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

tpanerai@gmail.com

INTRODUÇÃO

Qual o limite entre a ficção e a realidade? Como podemos trabalhar esse limite no âmbito das relações de ensino e aprendizagem existentes em uma sala de aula?

Há muito se fala em estimular a autoria em sala de aula. Mas o que fazer quando a imaginação autoral dos estudantes ultrapassa os limites entre ficção e realidade?

Este artigo se constituiu a partir de uma reflexão acerca dos resultados preliminares de uma pesquisa de mestrado, quando foi trabalhada a produção de narrativas digitais em formato de podcast, em uma disciplina de História, no contexto do ensino superior, objetivando analisar como ocorre a produção de narrativas digitais em formato de podcast na disciplina de História.

A narrativa digital é um gênero discursivo surgido no contexto da cultura digital, caracterizada pela relação entre a sociedade e as tecnologias digitais, quando surgiram novas dinâmicas de sociabilização, contemplando mudanças em matéria de comunicação e trazendo consigo novas formas de estruturação textual apoiadas nas tecnologias digitais. Aos moldes

¹ Mestre em Educação Matemática e Tecnológica (UFPE), especialista em Educação em Direitos Humanos e graduado em licenciatura em História, ambas pela UFPE. Atua nas áreas de educomunicação e educação tecnológica.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (UFPE), que trabalha na área de cultura digital. Graduada em Letras e com mestrado e doutorado na área de Inovação Educativa.

do hipertexto, as narrativas digitais estão dispostas nas redes de internet, sendo estruturadas a partir da utilização de uma ou várias mídias simultaneamente.

O podcast também é fruto da cultura digital, sendo uma mídia recente, surgida em 2004, consistindo em um arquivo de áudio disponibilizado na internet, podendo ser escutado através do download do arquivo ou por *streaming*.

Por sua vez, a disciplina de História apresenta uma resistência ao diálogo com as tecnologias digitais nos contextos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a nossa pesquisa - da qual esse artigo se constitui em um recorte - procura se debruçar sobre as possibilidades de utilização das narrativas digitais e dos podcasts em contextos educacionais, além de proporcionar dinâmicas para inserção dessas tecnologias junto a essa disciplina.

A questão central do artigo surgiu durante a coleta de dados, no campo de pesquisa, onde os estudantes da disciplina participaram de uma oficina para produção de narrativas em podcast, nas quais foram contemplados os conteúdos abordados durante as aulas. Ao fim da intervenção, após a produção de trinta e seis narrativas digitais pelos estudantes, constatamos que grande parte se tratava de conteúdos ficcionais, aos moldes das radionovelas, formato popular que tinha muito êxito durante os anos de ouro do rádio no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1950.

Assim, nosso objetivo nesse trabalho é lançar um olhar sobre as audionovelas de ficção produzidas pelos estudantes, refletindo sobre as possibilidades desse tipo de produção em contextos educacionais e procurando constatar se é válido trabalhar com produção de conteúdos de ficção no âmbito da disciplina de História.

Neste artigo, optamos por utilizar o termo audionovelas, pois o termo radionovela refere-se às produções desse formato veiculado através das ondas de radiofusão. Em nosso caso, os produtos de ficção foram criados na mídia podcast. Portanto, acreditamos que o termo audionovela é mais apropriado para designar as novelas em formato de áudio, disponibilizadas através de mídias digitais.

Este artigo está estruturado em cinco partes: introdução; referencial teórico dos conceitos utilizados durante o artigo; metodologia utilizada durante a pesquisa de mestrado, possibilitando a coleta dos dados aqui presentes; resultados, que terão como base uma reflexão a partir de algumas das narrativas em formato de audionovelas recortadas da pesquisa de mestrado; e considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Walter Benjamin (1994), o ato narrativo é uma característica inerente ao desenvolvimento da civilização humana. Com seu enfraquecimento, “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 197).

Por sua vez, Jerome Bruner (1998) defende a existência de duas formas de pensamento que direcionam nossa cognição: o pensamento paradigmático e o narrativo. O pensamento paradigmático é o responsável por lidar com conceitos abstratos, ou científicos, sem os relacionar com a vida prática. O pensamento narrativo é o responsável por organizar pensamentos através de uma estrutura narrativa, possibilitando uma aproximação entre conceitos abstratos e a experiência de vida do narrador.

nós organizamos nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente na forma de narrativas: história, desculpas, mitos, razões para fazer e para não fazer, e assim em diante. A narrativa é uma forma convencional, transmitida culturalmente e restrita por cada nível de domínio individual de domínio e por seu conglomerado de dispositivos protéticos, colegas e mentores. **Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar “verossimilhança”. Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas** (BRUNER, 1991, p. 4, grifo nosso).

Como podemos observar no trecho acima, Bruner (1991) acredita que o nível de organização gerado pelas construções narrativas suplanta as barreiras entre ficção e realidade, sendo que a narrativa se justifica como um instrumento de aprendizado e transmissão cultural.

Em relação à disciplina de História, podemos afirmar que a narrativa ocupa um importante espaço, principalmente no que se refere ao pensamento histórico. Para Rusen (1992), a narrativa é a manifestação linguística do pensamento histórico, sendo “um conceito que explica a relação constitutiva do pensamento histórico para com as práticas culturais da memória e identidade coletivas. Ele mostra que a cognição histórica opera sua constituição específica na vida prática mediante sua forma narrativa”.

Em sua versão digital, a narrativa é uma modalidade discursiva surgida a partir das dinâmicas proporcionadas pela relação entre a sociedade e as tecnologias digitais de informação e comunicação, sendo essa relação costumeiramente caracterizada como cibercultura (LEMOS, 2003). Introduzida nesse contexto, a definição de narrativa digital pega carona no conceito de hipertexto cunhado por Lévy (2010), ao descrever um tipo de texto que provocava uma ruptura com o formato tradicional de escrita, ao mesclar a linguagem alfabética escrita com recursos multimidiáticos, sendo disponibilizado no ciberespaço e estabelecendo ligações com outros conteúdos:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 2010, p. 33).

Para Nora Paul (2014), as narrativas digitais podem ser observadas a partir de cinco elementos: *mídia*, *ação*, *relacionamento*, *contexto* e *comunicação*. O primeiro elemento diz respeito à *mídia* utilizada, salientando que uma narrativa digital pode contemplar o uso simultâneo de várias mídias. *Ação* diz respeito ao movimento necessário para acessar a narrativa. *Relacionamento* nos diz o grau de interatividade de uma narrativa digital. *Contexto* é o que dá sentido à narrativa, situando-a como parte de uma história maior. Por fim, *comunicação* é o elemento que mensura a capacidade de uma narrativa de coligar pessoas e instituições.

Robin (2008), Almeida e Valente (2012) e Valente e Almeida (2014) acreditam que a narrativa digital é uma excelente alternativa para explorar o potencial das tecnologias digitais de informação e comunicação nos contextos educacionais. Elas possibilitam uma utilização que ultrapassa as barreiras tradicionais de ensino e aprendizagem pautadas na passividade dos estudantes e na reprodutibilidade dos conteúdos apresentados pelos professores durante as aulas.

A intenção de trabalhar com as narrativas digitais é justamente a de explorar o potencial das TDIC no desenvolvimento de atividades curriculares de distintas áreas do conhecimento. Com a produção destas narrativas,

conceitos são explicitados, e a narrativa passa a ser uma “janela na mente” do aluno, de modo que o professor possa entender e identificar os conhecimentos do senso comum e, com isso, possa intervir, auxiliando o aprendiz na análise e depuração de aspectos que ainda são deficitários, ajudando-o a atingir novo patamar de compreensão do conhecimento científico (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p. 58).

Concordando com Almeida e Valente (2012), acreditamos que as narrativas digitais podem ser uma das melhores formas de explorar a utilização de podcasts na educação.

O podcast é uma mídia digital surgida em 2004, sendo um conteúdo de áudio disponibilizado para ser escutado por download ou *streaming*. Criado pela parceria entre o ex-VJ da MTV Adam Curry e o programador Dave Winner, a intenção de Curry era disponibilizar seus programas de rádio para download no iTunes, para que seus espectadores pudessem acessar seu programa de maneira *on-demand*, baixando um arquivo de MP3 (LUIZ; ASSIS, 2009).

Com pouco tempo, o podcast ganhou popularidade, descolando-se do rádio e sendo utilizado principalmente por produtores independentes e sem espaço nas rádios comerciais. Atualmente, o podcast tornou-se uma mídia com produções próprias, rompendo com a mera disponibilização de conteúdos feitos para o rádio e disponibilizados para download. Nesse sentido, cada vez mais cresce a produção de conteúdo de áudio exclusivamente como programas de podcast.

Então, como assinalamos anteriormente, a nossa pesquisa apoiou-se na produção de narrativas digitais na mídia podcast, no âmbito de uma disciplina de História. Durante a intervenção realizada em sala de aula, percebemos que várias produções contemplavam um formato similar às radionovelas, conteúdo popularizado durante a época de ouro do rádio no Brasil.

A primeira emissora de rádio brasileira surgiu em 1923. Roquete-Pinto e Henrique Morize acreditavam que esse meio de comunicação seria um importante aliado no combate às altas taxas de analfabetismo que afligiam o país. O objetivo era que a emissora de rádio funcionasse como um veículo massivo de educação (CALABRE, 2007).

Duas décadas depois, a proposta inicial que levou à introdução do rádio no Brasil foi abandonada. O rádio foi transformado em um veículo de comunicação comercial, transformando-se em um negócio lucrativo. Entre as décadas de 1940 e 1950, a quantidade

de emissoras no Brasil cresceu vertiginosamente e esse período ficou conhecido como os anos dourados do rádio brasileiro.

Nesse período de ouro, o rádio foi o responsável por várias inovações de conteúdo, lançando costumes e criando formatos de programas que mais tarde foram transportados para a TV, como é o caso dos ainda tradicionais programas de auditório, e das radionovelas:

A primeira radionovela transmitida no Brasil, “Em busca da felicidade”, foi ao ar em 5 de junho de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Era uma adaptação de Gilberto Martins do original cubano de Leandro Blanco. Isso não quer dizer que as emissoras brasileiras não realizassem radiodramatizações. Eram comuns os “teatros em casa”, os “radiatros”, os inúmeros esquetes teatrais presentes nos mais variados programas das emissoras de rádio de diversas regiões do país ou ainda algumas dramatizações em dois ou três capítulos (CALABRE, 2007, p. 68).

Como podemos observar, a produção de ficção de áudio ocupou um importante espaço na história do rádio no Brasil, evoluindo posteriormente para as ainda tradicionais telenovelas brasileiras. No período das radionovelas, as narrativas exigiam um exercício de imaginação maior pelo espectador; como não existem imagens no rádio, os recursos que mais ajudavam na composição da narrativa eram a atuação do narrador e os efeitos de som.

Com esse formato transposto ao podcast através das audionovelas, acreditamos nas possibilidades desse tipo de conteúdo para exploração das narrativas digitais e do podcast no âmbito da disciplina de História, ainda que seja através da produção de conteúdos ficcionais.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão, da qual este artigo é um recorte, apresenta uma abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010), de caráter exploratório, que tem por método um estudo de caso (YIN, 2015), objetivando analisar como a produção de narrativas digitais em formato de podcast ocorre na disciplina de História.

Para isso, foi realizada uma intervenção em uma disciplina de “História da Educação no Brasil”, ministrada para uma turma de 7º período de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco. A intervenção consistiu em uma oficina de produção de narrativas digitais em formato de podcast, com utilização de smartphones, através do

aplicativo de edição para dispositivos móveis Power Director, disponível na Play Store, da Google.

Durante a oficina foram abordadas técnicas de roteiro, formas de captação de áudio e edição, bem como processos de postagem dos podcasts em mídias sociais. Em nosso caso, optamos por produzir os podcasts em formato de vídeo. A vantagem de produzir o podcast em formato de vídeo, com uma imagem estática, foi a possibilidade de os estudantes postarem suas produções em mídias sociais mais acessíveis. Em nosso caso, foi utilizado o YouTube.

Vale salientar que a tática de produção de podcasts em formato de vídeo para postagem no YouTube é uma prática comum entre os podcasters. Um dos motivos é a gratuidade da plataforma, somando-se à visibilidade e à capilaridade proporcionadas pela mesma.

A disciplina referida é dividida em três partes, acompanhando a divisão da história do Brasil em colônia, império e república. A partir dessa divisão, propusemos aos estudantes que se dividissem em grupos e produzissem três narrativas em podcast, no decorrer da disciplina. Estabelecemos três datas para entrega das produções, que deviam ser postadas no YouTube e o hiperlink remetido ao professor ao final de cada etapa da disciplina.

Como forma de transparência avaliativa, desde o início deixou-se claro aos estudantes que a dinâmica seria parte integrante do processo avaliativo da disciplina. Juntamente a outros recursos como provas escritas e estudos dirigidos, calculou-se a média final dos estudantes. Ao final da disciplina, constatamos que a produção dos podcasts correspondeu a cerca de 50% da média final dos estudantes.

Para a pesquisa de mestrado, estamos propondo uma análise de conteúdo baseada em Bardin (1977). Contudo, no recorte presente neste artigo, nos deteremos em uma reflexão sobre as audionovelas ficcionais produzidas pelos estudantes e suas possibilidades para a disciplina de História.

RESULTADOS

Durante a disciplina foram produzidos trinta e seis podcasts. Desses, separamos quatro para refletir sobre as possibilidades decorrentes da produção de narrativas digitais ficcionais na mídia podcast, em formato de audionovela.

Abaixo segue um quadro com as quatro narrativas propostas para reflexão neste trabalho:

Quadro 1 – Audionovelas

IDENTIFICAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE (FEITA PELOS ESTUDANTES)	TEMA ABORDADO EM SALA DE AULA PELO PROFESSOR	HIPERLINK
N1	Pela manhã	Essa é a história de Pedro nascido um escravo liberto, aos 4 anos teve de ir forçadamente para um abrigo de freis capuchinhos se afastando de suas origens e costumes, quando cresce e se vê obrigado a servir à marinha chegando a uma das mais altas patentes, onde redescobre o caminho para sua terra e voltando para suas origens e costumes que sua mãe havia lhe ensinado.	Limbo social e educacional vivido pelos negros nascidos durante a vigência da lei do ventre livre.	https://youtu.be/pz_vHzc_Lb8
N2	João, o menino do campo.	Na época do primeiro reinado mudanças no ensino do Brasil foram aprovadas pelo imperador D. Pedro I, onde através da Lei Geral de Ensino deliberou novas regras, no que diz respeito à educação da época. Em um dos seus artigos se prevê a criação de escolas em cidades, vilas e em lugares mais populosos. Contudo as condições desses espaços não eram das melhores, onde pode-se encontrar alunos tendo aulas nos cômodos das casas dos próprios professores, onde faltavam pintura, condições de higiene, um espaço adequado para que todos pudessem se instalar, no qual faltavam até cadeiras. Dentro desta realidade temos o Mestre José Marcelino Carvalheiro, um profissional bastante reconhecido e muito procurado pelas famílias por sua atuação. Mesmo com todo o seu privilégio o mestre não fecha os olhos para uma situação que lhe chama atenção. É aí que ele conhece o pequeno	Lei Geral de Ensino, promulgada por Dom Pedro I, visando normatizar a educação brasileira.	https://youtu.be/7el_TPKVpHg

		João, menino de 12 anos, órfão de pai e mãe, que vive em troca de serviços nas terras do Senhor Ferreiro Filho, que tem um filho na mesma idade de João, o Ferreiro Neto, que por sua vez é aluno do Mestre José Marcelino Carvalheiro. Podcast para disciplina: História da Educação brasileira.		
N3	De pé no chão também se aprende a ler	Uma ex aluna do movimento "de pé no chão também se aprende" conta um pouco de sua história para sua neta e amigos. A história é contada através de carta em 2005, pois a sua neta acabou de entrar na universidade para estudar pedagogia.	Movimentos de educação popular nas vésperas do golpe civil-militar de 1964	https://www.youtube.com/watch?v=nytGmz5koRQ&feature=youtu.be
N4	Maria Celeste Vidal	Pensando nas mudanças que ocorreram ao longo da história, no período da república, tratando especificamente do Estado de Pernambuco, temos registradas grandes transformações, sendo algumas delas trazidas pela Reforma de Carneiro Leão, a qual modificou o cenário da Educação Pernambucana. Em um "mix" de ficção com realidade, Maria Celeste será a personagem responsável por mostrar o "ar" revolucionário que já se fazia presente na época, lutando por melhoras para a sociedade.	Educação durante o período do regime militar que governou o Brasil entre 1964 e meados dos anos 1980.	https://www.youtube.com/watch?v=tqApUSmASS4&feature=youtu.be

Fonte: elaboração própria

Antes de prosseguir, cabe aqui uma ressalva para esclarecer que, durante a disciplina, quando foi proposta a produção de narrativas, os estudantes foram deixados livres para escolher qual tema abordariam dentro de cada período. Para isso, poderiam se utilizar de qualquer um dos assuntos vistos em cada período da história da educação brasileira. Além disso, tiveram liberdade criativa para escolha do formato em que estruturariam sua narrativa. Por exemplo, poderiam simplesmente construir uma narrativa descritiva, ou, como foi o caso descrito nesse artigo, produzir uma ficção em formato de radionovela.

Esclarecido esse ponto, podemos identificar que as duas primeiras narrativas, N1 e N2, estão situadas no período imperial, enquanto que as outras duas narrativas, N3 e N4, situam-

se no período republicano, mais precisamente abordando contextos próximos temporalmente do golpe civil-militar de 1964.

Um dos elementos mais óbvios encontra-se no fato que essas narrativas tratam de ficção ou, no máximo, são inspiradas em pessoas reais, como é o caso da narrativa N4, cuja parte real esclareceremos mais à frente. Nesse sentido, o primeiro questionamento a ser lançado é o seguinte: pode-se aprender ou ensinar história a partir da produção de ficção?

No sentido de responder a esse questionamento, nos propomos a refletir sobre a produção dessas audionovelas que envolveram uma construção baseada no conteúdo abordado durante as aulas, bem como leitura e pesquisa a partir de referências relacionadas a este conteúdo. Nesse caso, podemos inferir que, apesar das histórias retratarem personagens fictícios, possuem validade histórica enquanto abordagem de um contexto, período ou fato trabalhado em sala de aula.

Ainda, podemos afirmar que a produção dessas audionovelas ficcionais proporcionam uma construção de significado em relação aos assuntos de história abordados em uma aula expositiva. Nesse caso, o ato de criação de personagens que se encaixam nos determinados contextos históricos contribui como forma de ressignificação dos conteúdos científicos trabalhados durante a disciplina.

Neste sentido, podemos propor um diálogo com Bruner (1991, 1998), citado anteriormente, quando afirma que as narrativas são uma versão da realidade que existem a partir de uma necessidade narrativa, não sendo necessário que classifiquemos uma história como verdadeira ou falsa, desde que ela cumpra sua função em transmitir um conhecimento ou cultura. Portanto, em concordância com Bruner, acreditamos que o ato de produzir uma narrativa contribuiu para que os estudantes construíssem novas significações acerca do conteúdo, ainda que essas narrativas fossem ficcionais. Ao mobilizar o pensamento narrativo, eles puderam provocar aproximações entre os conceitos abstratos e suas experiências de vida utilizadas como base de construção das narrativas.

Além disso, e em concordância com Almeida e Valente (2012), também citados anteriormente, acreditamos que essas narrativas digitais produzidas proporcionam uma “janela na mente” do estudante. A escuta da audionovela pode proporcionar ao professor o vislumbre de alguns indícios de aprendizagem, constatando o que foi mobilizado pelo seu

aluno para produção dessas narrativas ficcionais, principalmente em relação ao contexto histórico em que a audionovela é situada.

Evocando tardiamente um referencial teórico, podemos refletir que a dinâmica de construção de narrativas ficcionais na disciplina de História dialoga com a cultura participativa trabalhada por Jenkins (2013, 2015). Para este autor, os consumidores de narrativas, principalmente os jovens, não mais se contentam em interagir passivamente com uma narrativa. Nesse contexto, os jovens estão criando suas próprias histórias a partir das narrativas canônicas estabelecidas pelos autores originais. Como exemplo, o autor cita a enorme quantidade de conteúdos independentes produzidos por fãs da franquia Star Wars.

Em sintonia com Jenkins, acreditamos que a produção de ficção em formato de audionovelas viabiliza a cultura participativa em sala de aula, à medida que os estudantes são estimulados a produzirem suas próprias narrativas, ficcionais, porém respeitando o contexto e sua validade histórica. Assim, podemos concluir que eles estão se apropriando do cânone narrativo determinado pela história enquanto ciência.

Em relação às quatro audionovelas aqui mencionadas, a partir de uma avaliação preliminar, acreditamos que a produção de narrativas digitais, ainda que ficcionais, pode contribuir efetivamente para a compreensão dos contextos históricos retratados. Neste caso, através da estruturação narrativa, os estudantes puderam criar representações relacionadas ao conteúdo trabalhado durante as aulas expositivas. Deste modo, a narrativa N1 apresenta uma clara reflexão acerca da condição do negro durante o primeiro império e sobre como eram restritas as suas opções educacionais. A narrativa N2 retrata as péssimas condições decorrentes da Lei Geral de Ensino, promulgada pelo imperador Pedro I, que tentou normatizar a educação brasileira sem, contudo, pensar a educação pública como política de Estado. Por sua vez, a narrativa N3 traz uma representação de um dos movimentos de educação popular, bastante atuantes na alfabetização de jovens e adultos trabalhadores no período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964.

Por fim, a narrativa N4 foi uma grata surpresa, pois a narrativa foi construída baseada na história da tia-avó de uma das integrantes do grupo. A Maria Celeste real participou do movimento de oposição ao golpe de 1964, tendo nascido na cidade de Vitória, em Pernambuco. Como afirmam na sinopse, “em um *mix* de ficção com realidade, Maria Celeste será a personagem responsável por mostrar o “ar” revolucionário que já se fazia presente na

época, lutando por melhoras para a sociedade”. Alguns dos trechos de poesia lidos durante a narrativa foram escritos pela própria Maria Celeste. Essa narrativa demonstra como são tênues as linhas que separam ficção e realidade, mostrando claramente que ambas servem à compreensão de contextos históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões tecidas, podemos concluir que a produção de narrativas digitais na mídia podcast, em formato de audionovela, demonstra grande possibilidade de êxito ao serem utilizadas na disciplina de História.

Por se tratar de uma metodologia participativa, colabora com a ruptura das dinâmicas tradicionais de ensino e aprendizagem, apoiadas na reprodutibilidade de conteúdos e na manutenção dos alunos como sujeitos passivos, sob os quais são despejados conhecimentos pré-moldados. A inserção das narrativas digitais e do podcast na disciplina de História pode contribuir fortemente para o desenvolvimento de práticas que estimulem a autoria e a participação, a partir do conhecimento histórico. Para isso, necessitamos avançar nas pesquisas e dinâmicas que contribuem para o diálogo entre as tecnologias digitais e a disciplina de História.

Em relação às audionovelas e aos conteúdos ficcionais, podemos dizer, apoiando-nos nessa reflexão preliminar, que é possível a abordagem na disciplina de História com produção de narrativas ficcionais em formato de audionovelas. À medida que se reconhece a relação entre os personagens fictícios e os contextos ficcionais com a validade histórica em que são inseridos, podemos defender que a construção dessas narrativas corrobora o desenvolvimento de representações simbólicas que possibilitam a ressignificação dos conteúdos a partir do ato de produção das narrativas.

As dinâmicas aqui relatadas foram desenvolvidas em uma turma de ensino superior. Contudo, acreditamos que a partir de novas investigações e experimentações, elas podem ser transpostas para outras modalidades, como ensino fundamental e médio.

Por fim, ao final do processo de análise das narrativas digitais produzidas durante essa pesquisa, esperamos consolidar e aprofundar as percepções geradas pelas reflexões preliminares contidas nesse artigo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. de; VALENTE, J. A. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**. v. 12, n. 3, p. 57-82, Set/Dez, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/ZCjY2r>>. Acesso em: 03 maio 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 97-221.
- BRUNER, J. A Construção Narrativa da Realidade. Tradução: Waldemar Ferreira Netto. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, pp. 1-21. 1991. Disponível em: http://www.academia.edu/4598706/BRUNER_Jerome._A_constru%C3%A7%C3%A3o_narrativa_da_realidade Acesso em: 15 jan. 2018.
- _____. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CALABRE, L. No tempo das radionovelas. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom-Methodista, v. 29, n. 49, p. 65-83, 2º sem. 2007.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: ALEPH, 2013.
- _____. As competências necessárias na cultura dos novos media. In: BRITES, Maria José; JORGE, Ana; SANTOS, Sílvio Correia (Editores). **Metodologias Participativas: Os media e a educação**. Covilhã: LabCom Books, 2015. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150629-2015_10_metodologias_participativas.pdf
- LEMOS, A. Cibercultura: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. pp. 11-23.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LUIZ, L.; ASSIS, P. O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura. In: **SIMPÓSIO ABCIBER**, 3. 2009, São Paulo. 3º Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura. São Paulo: ABCiber, 2009. Disponível em: http://www.academia.edu/5872782/O_crescimento_do_podcast_origem_e_desenvolvimento_de_uma_m%C3%ADdia_da_cibercultura. Acesso em: 10 nov. 2017.

PAUL, N. Elementos das narrativas digitais. In: FERRARI, P. (org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 121-139.

ROBIN, B. R. Digital Storytelling: A Powerful Technology Tool for the 21st Century Classroom. **Theory Into Practice**, v. 47, n. 3, pp. 220-228, 2008. Disponível em: <http://digitalstorytellingclass.pbworks.com/f/Digital+Storytelling+A+Powerful.pdf> Acesso: 15 jan. 2018.

RUSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Año 4, n.7, p.27-36. oct. 1992. Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1172513/mod_resource/content/1/Jorn%20Rusen%20e%20o%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf Acesso em: 15 jan. 2018.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. de. Narrativas Digitais e o Estudo de Contextos de Aprendizagem. **Em Rede: revista de educação a distância**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 32-50. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/CSBup7>. Acesso em: 03 maio 2017.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.